

ESPECIAL BELEZAS DO BREJO

A UNIÃO

"Paraíba democrática,
terra amada"



JOÃO PESSOA, DOMINGO,
16 DE AGOSTO DE 2009

Casa-grande do Engenho Laranjeiras, situada na zona rural da cidade de Serraria, é sede de pousada que leva o mesmo nome



Casa-grande de engenho, um rico acervo do Brejo

A beleza da arquitetura das pequenas agroindústrias da época açucareira da região do Brejo da Paraíba encanta os visitantes. Elas integram os diversificados atrativos turísticos que a região oferece aos turistas

► Art Nouveau

O Engenho Laranjeiras é o único que ostenta em sua fachada esse estilo do movimento artístico **P. 4**

► Pioneirismo

A bela cidade de Borborema foi a primeira a ter uma usina de energia elétrica no Estado **P. 7**

Editorial

Turismo do açúcar

A beleza da casa-grande de engenhos de cana-de-açúcar do brejo paraibano, que simboliza o poder da aristocracia rural do período açucareiro que vigorou desde o Brasil Colônia até o Brasil Império, e dezenas de outros atrativos, é apenas uma pequena parte do grande potencial turístico que a região exhibe para o público visitante. Eles representam também os ciclos da cana de açúcar e do café.

A suntuosidade e o esplendor da casa grande de engenhos, dessa forma, integra o extenso patrimônio social, cultural e artístico que também pode ser utilizado para desenvolver o turismo do Brejo tendo como foco a integração entre os municípios da região. É certo que já começam a se esboçar os primeiros passos neste sentido, mas, porém, ainda de forma inicial, como é o caso dos programas Caminhos dos Engenhos e do Frio, que tem como parceiros principais o governo do Estado e o Sebrae-PB.

Essa parceria, obviamente, também teria a participação de entidades públicas e privadas, redundando assim numa espécie de associativismo e desenvolvimento sustentável do turismo da região do Brejo.

Ora, não somente a casa grande de engenho integra esse imenso patrimônio social e histórico, mas também todos os equipamentos, bens móveis e máquinas que ainda restam nessas pequenas agroindústrias. Todo esse conjunto proporciona um belo passeio aos turistas pelos períodos do Brasil Colônia e Brasil Império. É certo que muitos estão desativados e outros ainda em pleno funcionamento, mas, ambos, fornecem diversos e importantes atrativos para os visitantes.

Se trata, ainda, de uma boa visita tendo como locais estratégicos dos engenhos, além da casa grande, a produção da rapadura e da cachaça e de outros derivados da cana-de-açúcar.

É bem verdade que o potencial turístico da região está sendo estruturado no sentido de promover a sua rica identidade cultural e a melhoria da qualidade dos serviços ofertados, no entanto, falta uma iniciativa mais arrojada por parte dos proprietários desses engenhos, que, ainda somam um bom número no Brejo paraibano, que ainda exhibe belezas naturais de seus grotões, cachoeiras, matas virgens, belos resquícios de trens ferroviários, entre outros pontos turísticos importantes.

Dessa forma, as parcerias formadas, doravante,

vão redundar em resultados concretos para os moradores das comunidades e da região, numa crescente perspectiva de crescimento econômico e bem-estar social. Desde já, é fundamental pensar em consolidar essas parcerias entre os municípios e os empreendedores locais, a exemplo das associações de artesãos, dos donos de engenhos, de bares e restaurantes e dos governos locais.

Só assim, será possível transformar o potencial dos municípios do Brejo paraibano em destinos turísticos conhecidos nacionalmente e internacionalmente. Alagoa Grande, Alagoa Nova, Bananeiras, Borborema, Guarabira, Pilões, Píripituba, Serraria, Areia e Solanêa tem históricas e patrimônios muito importantes que, na cerca, vão deslançar os projetos turísticos.

Então, é preciso que todos possam trabalhar de forma integrada, somando esforços, almejando um desenvolvimento sustentável. É bem verdade que um potencial de um município pode servir de apoio para o outro vizinho. Essa grande oportunidade se percebida a tempo, a região do Brejo pode ampliar a sua oferta turística, isto é, procurando também oferecer serviços com qualidade, conforto e também, prolongando a permanência do turista na região.

Monumento presta homenagem a um ex-combatente da Força Expedicionária

José Diogo Pereira foi encontrado com vida nos Alpes italianos pelos aliados durante a Segunda Grande Guerra Mundial. Foi ferido mortalmente por soldados alemães. Levou três tiros e ficou estendido numa vala quando foi encontrado. O ex-combatente nasceu na cidade de Serraria (a 90 Km da Capital, região do Brejo) no ano de 1921, no Sítio Nova Floresta.

"Depois de dois anos minha avó, Maroquinha, achava que ele estava morto e teve a notícia que ele estava internado em um hospital da Itália", relata uma das netas do ex-combatente, a advogada e contadora Siena Florália.

José Pereira integrava a Força Expedicionária Brasileira no período de fevereiro a setembro de 1945. Em sua volta ao Brasil, ele chegou a ser condecorado pelo presidente Getúlio Vargas com a comenda Medalha de Campanha, em 1951.

Na cidade de Serraria, o visitante vai se deparar com um monumento artístico feito de bronze e granito. Se chama Portal da Glória. O autor da obra é o pintor Marcos Pinto. O prefeito que fica encravado em uma pequena praça foi inaugurada em março de 2007.

Após voltar da Itália, José Pereira foi empregado pelo ex-governador Pedro Gondim como motorista



Praça dedicada a José Diogo Pereira é ponto turístico

particular e faleceu aos 76 anos. O monumento, hoje, é um dos pontos turísticos da cidade de Serraria. O tio do ex-combatente foi o autor da construção do Portal da Glória, que fica em frente à casa onde o soldado da FEB morava.

"Ele só saiu de casa para a guerra. À época, a mãe dele, Maria Batista, contava somente com três filhos, um homem e duas mulheres. Ele se alistou de forma espontânea. Vez por outra me mostrava as marcas de balas pelo corpo. Depois voltou ao Brasil, casou-se e teve três filhos.", narra a advogada.



A UNIÃO

SUPERINTENDÊNCIA DE IMPRENSA E EDITORA
Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no
governo de Álvaro Machado

BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - Paraíba. PABX: (0xx83) 3218-6500 - FAX: 3218-6510 - Redação: 3218-6511/3218-6512

www.paraiba.pb.gov.br

Superintendente
NELSON COELHO DA SILVA

Diretor de Operações
MILTON FERREIRA DA NÓBREGA

Diretor Técnico
WELLINGTON H. VASCONCELOS DE AGUIAR

Diretor Administrativo
CRISTIANO XAVIER DE LIRA MACHADO

Editor Geral
JOÃO EVANGELISTA

Editor de Cadernos Especiais
WILLIAM COSTA

Texto e Fotos
CARLOS CAVALCANTI

Editoração Eletrônica
ULISSES DEMÉTRIO E
JOSÉ INÁCIO (ZEZINHO)

CONSELHO EDITORIAL

Lena Guimarães, Genésio de Sousa, Nelson Coelho, Wellington Aguiar, Cristiano Machado, Milton Nóbrega, João Evangelista, Linaldo Guedes, Marlene Alves (UEPB), João Pinto (API), Land Seixas (Sind. Jornalistas), Juarez Farias (APL), Luiz Hugo Guimarães (IHGP), Rômulo Polari (UFPB) e Thompsom Mariz (UFGC)



Brejo exhibe a opulência dos engenhos

■ A região mantém conservadas algumas casas-grandes das agroindústrias com sua bela arquitetura rudimentar e simbolizam o poder nos séculos XVI e XVII

No Brasil Colônia um dos postos mais elevados na complexa sociedade açucareira era exercido pelo senhor de engenho em função dele deter os principais poderes, à época. Mais ainda: o proprietário dos pequenos complexos agroexportadores do setor canavieiro, mais conhecidos como engenhos, desfrutava de admirável status social. Trata-se de uma sociedade colonial do período açucareiro, que se desenvolveu nos séculos XVI e XVII.

No que se relaciona com os engenhos, essas pequenas agroindústrias tinham como opulência o estilo de sua casa-grande. Ela era o mais autêntico retrato do período e faz parte de um contexto histórico de grande importância para a história do período colonial do Brasil.

Na região do Brejo paraibano, entre os muitos atrativos turísticos, se encontram essas agroindústrias que não fugiram à regra. Elas eram formadas por amplas propriedades de terras conquistadas por intermédio de cessão de sesmarias. Eram lotes abandonados cedidos pela Coroa portuguesa a quem se comprometesse a aproveitá-los para o cultivo. O senhor e sua família moravam na casa-grande, local onde ele desempenhava sua autoridade junto à comunidade, cumprindo o papel de patriarca. Os escravos eram praticamente as mãos e os pés do senhor de engenho naqueles idos.

Na região do Brejo da Paraíba, ainda hoje, se encontram de pé algumas casas-grandes de antigos engenhos. No município de Areia, por exemplo, estão presentes vários engenhos antigos e muitos dos quais já não pertencem aos séculos XVI e XVII, mas que conservam alguns vestígios daqueles tempos, como o Ipueira, Vaca Brava, Quati, Viração, São José, Triunfo, Carro, Bujari e Santa Teresa. Vale à pena visitá-los pois muitos remetem o visitante a uma viagem prazerosa da época dos senhores de engenho. No município de Bananeiras existe a bela casa-grande do Engenho Lagoa do Matias, do século XIX.

O município de Alagoa Grande também não fica atrás. A região exhibe os seguintes e principais engenhos, são eles: Lagoa



Várzea do Coaty, em Areia, e Boa Fé, em Bananeiras, são engenhos de rara beleza no Brejo paraibano



Alagoa Grande, Pilões, Areia, Serraria e Borborema são alguns dos municípios que proporcionam belos passeios em propriedades que ostentam belezas em legados arquitetônicos

Verde, Belo Monte e Balancinho. No município de Alagoa Nova também vale a pena fazer um passeio até os engenhos Beatriz, Urucu e Santa Rita, que produzem mel, aguardente e rapadura.

Em Pilões, que além das casas-grandes e de engenhos antigos, o município oferece belas paisagens naturais. Entre os principais da região estão os Engenhos Olho d'Água, Santana, Avarzeado, Pinturas de Cima e Poções.

Já no município de Serraria o visitante ainda pode se deliciar com a beleza da casa grande dos engenhos Baixa Verde, Coitizeiros e Martiniano, Além do Laranjeiras.

No Brejo paraibano, além dos velhos engenhos, é possível encontrar reservas de mata atlântica com árvores centenárias, clareiras, pedras gigantes e animais como raposas, gatos-do-mato, coelhos

e pássaros típicos da região brejeira. A mata do Engenho Martiniano, por exemplo, se destaca pela presença de quedas d'água com mais de 10 metros de altura.

Outras atrações do município de Serraria, também, ficam por conta de suas cavernas, da Pedra da Furna, da Fazenda Santa Helena e dos engenhos Belo Horizonte e Santo Antônio. Areia é quem mais exhibe engenhos velhos, a exemplo do Bujari. Um belo passeio também pode ser feito no engenho Triunfo, cuja dona Maria Júlia faz papel de guia pelas instalações da propriedade, contando a história do engenho e as dificuldades iniciais e apontando os equipamentos usados na produção de mel, rapadura e cachaça.

Testemunhas do Brasil Colônia e do Império

O Engenho Triunfo guarda consigo um diferencial. Suas máquinas foram criadas pelo próprio marido de Maria Júlia, do moedor de carne a secador de cabelo, tudo era aproveitado pelo empresário-inventor no início do negócio. Outra coisa interessante: o filho mais velho do casal, estudante de Engenharia Química, conseguiu desenvolver uma forma de transformar a cachaça de cabeça em álcool combustível, que é utilizado nos carros da propriedade. Passado o período difícil do começo, o Engenho Triunfo possui modernos equipamentos, recebe atualmente centenas de pessoas por mês e produz a cachaça Triunfo, uma das melhores do Nordeste, que tem toda sua produção vendida imediatamente.

Outro passeio inesquecível é proporcionado pelo Engenho Mineiro: foi em 1880, aproximadamente, que foi construída essa agroindústria. Testemunha dos vários ciclos agrícolas vividos no Nordeste brasileiro, hoje a construção histórica, com traços do período colonial, resiste ao tempo e produz rapadura pura, sem ingredientes complementares.

Haroldo Barreto, 82 anos, é o atual dono da propriedade. A casa-grande está totalmente conservada. Ali, história e memória se encontram harmonicamente, apesar das perspectivas nada otimistas para o mercado da rapadura. É pelas mãos do filho Gutenberg Barreto que o Engenho Mineiro tem vislumbrado boas perspectivas. Como um guia que sabe muito bem o valor histórico e familiar que a propriedade tem, o dono explica todo o processo de produção da rapadura. Também são produzidos caldo-de-cana, doces e queijos, que são comercializados, bem como oferecidos aos visitantes, acompanhados de sucos, bolos, frutas e outras iguarias com um excelente sabor caseiro. Vale à pena conferir as delícias da região do Brejo paraibano.

Laranjeiras, a beleza da Art Nouveau

■ A casa-grande do engenho é a única que apresenta esse aspecto arquitetônico na região do Brejo e mostra muita suntuosidade

O estilo arquitetônico da casa-grande do Engenho Laranjeiras (moradia do senhor de sua família), localizado na zona rural do município de Serraria (distante 130 km da Capital, região do Agreste), é Art Nouveau, uma das únicas com esse aspecto formal situada na região do Brejo paraibano. O casarão se situa ao final de uma ladeira, onde se acha encravado em meio a vestígios de uma mata selvagem envolta por várias fontes de água límpida.

O ambiente do Engenho Laranjeiras ainda exhibe muita suntuosidade ao público, resultado de uma época em que os donos de engenhos dominavam politicamente e economicamente a vida no campo na região do Nordeste brasileiro, mais especialmente no século XIX.

A pequena agroindústria não está em atividade, mas conserva toda a sua estrutura a qual fornece uma ideia de como funcionava a produção de rapadura, mel, aguardente e açúcar mascavo na casa-do-engenho, local aonde se processava o beneficiamento dos derivados da cana-de-açúcar.

EQUIPAMENTOS

Ao lado esquerdo da casa-grande do Laranjeiras pode-se encontrar ainda uma cobertura rústica que esconde alguns equipamentos antigos do engenho, a exemplo da moenda (onde se moía a cana-de-açúcar para a extração do caldo, a garapa), um esplendor feito em madeira e ferro fundido, cravada no chão de produção da agroindústria, as dezenas de tachos de madeira que recebiam o melaço fervente da cana-de-açúcar e vários outros utensílios utilizados naquela época.

Todo o rico acervo do Engenho Laranjeiras integra, atualmente, a Pousada Laranjeiras, uma hospedaria estratégica no que se relaciona com a localização e propícia para quem quer conhecer outros atrativos da região do Brejo paraibano. A Pousada Laranjeiras se situa em meio a Mata do Brejo, como é conhecida na região resquício da mata atlântica.



Engenho Laranjeiras ainda conserva muitos dos equipamentos rudes utilizados na produção do mel e rapadura, a exemplo da moenda, dornas e tachos de madeira

SAIBA MAIS ▼

Arte Nova

No que se refere com a art nouveau (arte nova), foi um movimento artístico que surgiu na Europa, no período 1890 e 1910. Exibindo um estilo meramente decorativo, a arte nova era voltada ao design e à arquitetura e influenciou também o universo das artes plásticas. A art nouveau recebeu nomes diferentes nos diversos países onde se manifestou e se consolidou, a exemplo de style nouille (estilo macarrônico) na França; style coup de fouet (estilo golpe de chicote) na Bélgica; modern style (estilo moderno) na Inglaterra; jugendstil (estilo da juventude) na Alemanha; style liberty (estilo livre) na Itália. Conforme os especialistas, o movimento da art nouveau preocupava-se com a originalidade da forma e tinha relação direta com a Segunda Revolução Industrial. E, também, com a exploração de novos materiais, como o ferro e o vidro (principais elementos dos edifícios que passaram a ser construídos segundo a nova estética), e os avanços tecnológicos na área gráfica, como a técnica da litografia colorida, que teve grande influência nos cartazes da época. Foi no início do século XX que o art nouveau chegou ao Brasil, importado da França, principalmente na decoração de interiores ou em grades e elementos arquitetônicos de ferro forjado. São testemunhos disso, no Rio de Janeiro, a decoração da Confeitaria Colombo, na rua Gonçalves Dias, nº 32, e as grades dos salões do Teatro Municipal. Na década de 10 do século passado, chegou ao Rio o arquiteto italiano Virgilio Virzi, que projetou em neogótico com ornamentos art nouveau o prédio do Elixir de Nogueira, na rua da Glória (demolido), a residência Martinelli, na avenida Oswaldo Cruz, nº 149, (demolido), e uma casa na rua do Russel, nº 734. Em São Paulo, a Vila Penteado (1902) foi projetada por Carlos Eckman em típico estilo art nouveau francês.

Casa-do-engenho produzia desde mel, rapadura e cachaça

A rotina num engenho englobava vários processos. Por exemplo, no local existia várias construções, como a casa-grande, a moradia do senhor e de sua família, a senzala, que tratava-se da habitação dos escravos. E, ainda, a capela e a casa do engenho.

A casa-do-engenho abrigava todas as instalações destinadas ao preparo do açúcar, mel, cachaça e outros produtos derivados da cana-de-açúcar. Era na moenda onde se moía a cana para a extração do caldo (a garapa). Na fomalha o caldo-de-

cana era fervido e purificado em tachos de cobre. Quando a casa de purgar, lá o açúcar era branqueado, separando-se o açúcar mascavo (escuro) do açúcar de melhor qualidade e depois posto para secar.

Ao final de toda essa operação, o produto era pesado e separado conforme a qualidade, e colocado em caixas de até 50 arrobas. Só então era exportado para a Europa. Muitos engenhos possuíam também destilarias para produzir a aguardente (cachaça), utilizada como escambo no tráfico de negros da África.

Baixa Verde ainda resiste no Brejo com os portentosos gradis e pátio

■ Engenho situado no município de Serraria foi construído no século XIX e proporciona um verdadeiro passeio aos visitantes ao período açucareiro

Exibindo uma arquitetura imponente e conservando todo o seu aspecto original, o Engenho Baixa Verde, situado no município de Serraria e construído no final do século XIX, é um verdadeiro convite ao visitante para uma viagem ao período açucareiro. Ele ainda conserva a sua capela, casa curada, senzala, antigo barracão e o maquinário, que envolve a moenda e as pás de mexer a garapa fermentada nos tachos.

O Engenho Baixa Verde exibe uma casa-grande com portentosos gradis os quais no passado guardavam um pátio que servia para a secagem do café produzido na propriedade. Vale lembrar que a região do Brejo paraibano, outrora, já foi uma grande produtora de café.

O Engenho Baixa Verde está situado no sopé da serra que dá acesso à cidade de Serraria. Além de seus atrativos, o visitante vai encontrar em suas cercanias reservas de mata atlântica com árvores centenárias, clareiras e pedras gigantes.

A antiga agroindústria é propriedade privada da família Spínola, mas os visitantes são bem vindos, mas desde que façam a comunicação de forma antecipada aos proprietários.

Integra o cenário do Engenho Baixa Verde a deslumbrante paisagem serrana e um clima agradável, que adornam o visual de velhos engenhos. Próximo à propriedade se encontra a Mata do Grilo, que tem como diferencial a curiosa Pedra da Furna, usada pelos índios antigos como abrigo.

A propriedade, que está inserida em região de preservação ecológica, mostra uma atração especial, a Pedra da Furna, antiga residência de índios. Para visitá-la o turista deve ter espírito aventureiro pois as trilhas são precárias e faz-se necessária o acompanhamento de guias experientes.

No ambiente do Engenho Baixa Verde foram realizadas as filmagens "de época" para um documentário sobre o histórico passado de Serraria, cidade famosa pela sua paisagem serrana e seu clima agradável. Antigamente, a região mostrava muitas florestas de palmeiras.

Os vales verdejantes que ainda perduram na região do Brejo paraibano, na verdade, integram a paisagem dos velhos engenhos os quais favoreceram para um tipo de aristocracia rural, de nomes ilustres, como os Duarte e os Santos Lima na região dos municípios de Serraria e Borborema.



Casa grande do Baixa Verde, outrora o engenho foi um grande produtor de café no Brejo

Civilização deixou raízes no Nordeste

O conjunto de características sociais e culturais da civilização dos engenhos deixou raízes profundas no Nordeste brasileiro. Essas marcas ainda sobrevivem na memória da região de forma concreta. Basta observar as centenas de casas-grandes ostentando um rico e belo estilo arquitetônico. São construções seculares e, em sua maioria, se encontram abandonadas, mas representam de forma legítima de uma atividade que simbolizava a riqueza da região nordestina em determinada época do Brasil.

Vale lembrar que os engenhos erguidos no interior no Nordeste brasileiro surgiram bem depois das pequenas agroindústrias localizadas na faixa litorânea. Os registros indicam a existência de engenhos na região do Brejo paraibano desde a segunda metade do século XVIII. Basta observar a referência feita por Horácio de Almeida em sua obra: Brejo de Areia de 1958, ao Governador da Capitania da Paraíba, Francisco de Miranda Henriques: "Homem probo e moderado, governou a Capitania da Paraíba de 1761 a 1764. Terminado o governo fixou-se em Areia, no engenho Bolandeira, onde veio a falecer em avançada idade".

Conforme indica a informação de Horácio de Almeida, chega-se à conclusão que os primeiros engenhos do município de Areia surgiram há cerca de 240 anos. O registro de Horácio de Almeida é o mais fiel, até agora, que existe em termos do surgimento dos engenhos na

região do Brejo paraibano. E até hoje o mais citado por historiadores. Porém, adotando como base menções feitas pelos habitantes da cidade de Areia, não se descarta a possibilidade da existência de engenhos antes dessa época.

Os engenhos construídos na região do Brejo, a partir do século XVIII, seguiram os modelos das agroindústrias situadas no Litoral nordestino, apesar de que eles não gozavam da mesma opulência e posição privilegiada destes últimos, que foram o símbolo da aristocracia rural brasileira desde o período colonial. O fato é que o surgimento dos engenhos no Brejo fez nascer uma pequena burguesia rural em torno desta atividade produtiva do setor canavieiro.

É bastante informar que os engenhos do Brejo não acompanharam a suntuosidade das edificações das pequenas agroindústrias da região do Litoral, porém, alguns deles chegaram a alcançar um certo grau de importância econômica em relação a estes últimos, nas épocas áureas do açúcar, a exemplo dos engenhos Vaca Brava em Areia, Goiamunduba em Bananeiras e Olho D'Água de Bujari em Alagoa Nova.

Os engenhos da região do Brejo paraibano, em sua maioria, possuíam menos porte do que os do Litoral, no entanto, as casas-grandes dos mais antigos que restaram nesta microrregião também podem ser considerados espécimes da arquitetura dos antigos engenhos de açúcar do Brasil.

SAIBA MAIS ▼

Produção de açúcar

A produção do açúcar não era fácil no período açucareiro. Nessas agroindústrias canavieiras o produto era feito com uma grande quantidade de mão de obra que, em sua maioria, era formada por escravos. Os bois eram de suma importância para a fabricação dos derivados de cana-de-açúcar. Esses animais faziam girar a moenda que extraía a garapa da cana-de-açúcar. Eles, também, puxavam os carros com lenha para a casa das caldeiras. A cana-de-açúcar era cortada pelos escravos e colocavam-na nos carros dos bois que a levavam para a moenda. Cortar cana-de-açúcar é um trabalho árduo e essa tarefa perdura até os tempos atuais. O engenho, a grande propriedade produtora de açúcar, era constituído, basicamente, por dois grandes setores: o agrícola - formado pelos canaviais -, e o de beneficiamento - a casa-do engenho, onde a cana-de-açúcar era transformada em açúcar e aguardente.

Pesquisador catalogou 294 agroindústrias na região do Brejo no ano de 1994

O Brejo paraibano acolhia cerca de 294 engenhos catalogados pelo pesquisador Antonio Augusto de Almeida no ano de 1994. Passados cerca de 240 anos, atualmente existem, segundo dados do IBGE de 2000, 52 engenhos ativos. Apesar do número reduzido de agroindústrias, eles ainda permanecem em número relativamente significativo, a exemplo dos municípios de Areia, Alagoa Grande, Alagoa Nova, Bananeiras, Borborema, Pilões e Serraria.

Destes 52 engenhos, 25 produzem apenas aguardente; 8 produzem apenas rapadura e 19 fabricam aguardente e rapadura conjuntamente. Alguns ainda estão moendo a cana-de-açúcar, porém, a sua maioria está desativada.

Os engenhos jamais poderiam desaparecer do Brejo paraibano, uma vez que está marcada pela tradição do cultivo e processamento da cana-de-açúcar. A manutenção de hábitos, costumes e tradições seculares, no caso e questão, em termos de produção, não sucumbiu, mesmo que apontasse alternativa neste sentido. No caso do Brejo, essa tradição produtiva vem persistindo na região por quase dois séculos e meio.

Engenho Velho, berço da cidade de Serraria e da aristocracia rural

■ O engenho possibilitou o surgimento da cidade que tinha como marcas principais vales verdejantes e florestas de palmeiras que adornavam as pequenas agroindústrias do setor açucareiro

Famosa pela sua paisagem serrana e seu clima agradável, a cidade de Serraria, até uns anos atrás, exibia muitas florestas de palmeiras. E contava com vales verdejantes que adornavam os velhos engenhos, os quais formaram um tipo de aristocracia rural na região do Brejo paraibano.

Uma agroindústria do setor canavieiro - o Engenho Velho - deu origem à cidade de Serraria (88 km da Capital, região do Brejo paraibano). Os primeiros colonizadores que se estabeleceram em terrenos do atual município chegaram em princípio do século XVIII à região, quando então se formou a missão de "Santo Antônio" da Boa Vista. No ano de 1850, o agricultor Firmino José Fernandes de Maria, oriundo da Várzea do rio Paraíba, ergueu o primeiro engenho no lugarejo para a fabricação de rapadura.

Já no ano de 1851, Manoel Birindiba, proprietário de abundantes matas no município, permitiu a sua exploração e também a edificação de residências em suas terras. Um dos primeiros edifícios levantados foi uma serraria, exatamente no local onde hoje se ergue a igreja-matriz, dando origem ao topônimo do município.

No ano de 1860, Firmino José Fernandes de Maria fundou a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, que muito concorreu para o desenvolvimento do povoado. Ele foi o incentivador do desbravamento e progresso da zona do Curimataú.

Nesse mesmo período, o atual município de Arara teve como um dos seus desbravadores e fundadores o padre Ibiapina, fundador da "Casa de Caridade Santa Fé", localizada nas proximidades da atual cidade de Arara, que corresponde hoje à antiga zona do Curimataú. Outro pioneiro da região foi Antônio José da Cunha. Ele veio da cidade de Areia para explorar as jazidas de calcário e foi quem doou terreno para construção da Casa da Caridade, instalada no ano de 1866, pertencente ao município de Solânea.

No mês de março de 1895, sendo Serraria Capela Filial da Freguesia de Pilões, levantou-se no coração do povo serrariense o desejo de levar Serraria a uma sede 'parochial'. Por essa ocasião, foi erguida uma capela com proporções de



Igreja matriz de Serraria que recebeu os primeiros colonos em princípio do século XVIII

SAIBA MAIS

Localização do município

O município de Serraria se situa na região do Brejo. É uma das cinco zonas fisiográficas em que está dividido o Estado. Faz fronteiras com os municípios de Pilões, Areia, Solânea, Arara, Borborema e Pelôezinhos. Serraria tem as seguintes coordenadas geográficas: 6° 52' de latitude Sul e 35 38'. Seu clima é quente e úmido, descendo o termômetro, consideravelmente, por ocasião do período hibernal. A temperatura oscila entre 15°, à sombra. A superfície de Serraria é de 75 quilômetros quadrados. A população atual é de 6.602 habitantes, conforme dados do IBGE no ano de 2007. A cidade faz parte da cordilheira de Borborema e grande área de seu território apresenta-se bastante ondulada, porém, sem grandes picos.

uma igreja-matriz, dentro do povoado, porque a antiga e única existente era pequena, fora do povoado, e dentro de um cemitério.

Neste período, muitos moradores do lugarejo decidiram, em três de março de 1897, a convite do major Antônio Bento Duarte dos Santos, e um punhado de amigos, com a presença do padre José Calazam Pinheiro, então vigário de Pilões, benzer a primeira pedra da capela. Na ocasião, houve muito entusiasmo durante a solenidade dos fiéis presentes, ficando nesta ocasião para o início das obras a quantia de um conto e trezentos mil réis. Ou seja, 1:300#000.

Em fevereiro de 1899, o major Antônio Bento Duarte dos Santos junto com João Pereira de Sá Serrão, Joaquim Pereira de Mello, José Pereira de Goes, Francisco Duarte dos Santos e Francisco de Paula Miranda, se apresentaram ao padre João Maranhão, segundo relata o jornalista José Nunes em seu livro Serraria Princesa do Brejo, "então vigário de Pilões, o que diante da oferta de um conto de réis de cada um dos cavalheiros supracitados, não hesitou em começar a obra, o que fez a 28 do mesmo mês e ano. Por motivo de melhor

interesse espiritual a 2 de outubro de 1900, foi por decreto de Sª Excia. Remª. Bispo Dom Aduino de Miranda Henriquez transferida a Sede da Freguesia de Pilões para Serraria, onde o Excia. Vigário fixou sua residência, e em uma casa (adrede) preparada, celebrava todos os atos religiosos".

Em 12 de janeiro de 1902 teve lugar a benção da capela ficando "nesta ocasião em benefício das obras uma caixa de um conto de réis, 1:000#000. Dos 2 de janeiro de 1903 a primeira festa do Sagrado Coração de Jesus Padroeiro da Capela, que a 2 de janeiro de 1907 foi benta por Sª Excia. Remª Sr. Bispo em visita pastoral, e por direito datado do mesmo dia foi elevada a categoria de Matriz, sendo seu primeiro vigário João Maranhão os trabalhos quase que não foram interrompidos, apresentando nesta última data o seguinte resultado: Matriz toda coberta e limpa por dentro em ordem Corinthia, forro da capela mor a estuque, dos corredores a zinco e madeira, torre já no segundo andar, ladrilho a mosaico com excursão de uma pequena parte de um corredor, sete altares e mor do Sagrado Coração de Jesus."

PERÍODO DA FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA

- 1 Elevado à categoria de município com a denominação de Pilões, pelas leis provincial nº 775, de 04-12-1883, e estadual nº 26 de 02-03-1895, desmembrado de Areia. Sede na povoação de Pilões.
- 2 Pela lei estadual nº 80, de 13-10-1897, transfere a sede da povoação de Pilões para de Serraria, tomando o município esta denominação.
- 3 Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município já denominado Serraria é constituído do distrito sede.
- 4 Assim permanecendo em divisão administrativa referente ao ano de 1933.
- 5 Em divisões territoriais datadas de 31 de Dezembro de 1936 e 31 de Dezembro de 1937, o município aparece constituído de três distritos: Serraria, Arara e Pilões de Dentro.
- 6 Pela lei estadual nº 1164, de 15-11-1938, o distrito de Pilões passou a denominar-se Entre Rios.
- 7 Pelo decreto-lei estadual nº 520, de 31-12-1943, o distrito de Entre Rios voltou a denominar-se Pilões.
- 8 No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 3 distritos: Serraria, Arara e Pilões ex-Entre Rios.
- 9 Pela lei estadual nº 916, de 20-08-1953, desmembra do município de Serraria o distrito de Pilões. Elevado à categoria de município.
- 10 Em divisão territorial datada de 1º de julho de 1955, o município é constituído de 2 distritos: Serraria e Arara. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1º de julho de 1960.
- 11 Pela lei estadual nº 2602, de 01-12-1961, desmembra do município de Serraria o distrito de Arara. Elevado à categoria de município.
- 12 Em divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1963, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.
- 13 Alteração toponímica municipal Pilões para Serraria alterada, pela lei estadual nº 80, de 13 de outubro de 1897.

(FONTE: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/paraiba/serraria.pdf>
NUNES, José - "Serraria Princesa do Brejo" - 1997
PESQUISADOR: NEMÉSIO GOMES CAVALCANTI)

Borborema, pioneira na energia elétrica

■ Cidade do Brejo paraibano acolheu o empreendedor advogado José Amâncio Ramalho que construiu a primeira usina de força da Paraíba por volta de 1910

Uma iniciativa empreendedora no Brasil - foi por volta de 1910 que um paraibano, o advogado José Amâncio Ramalho, de maneira ousada, implantou a primeira usina de luz da Paraíba. Era uma turbina movida com a força da água do açude da cidade de Borborema, localizada no Brejo paraibano.

Era registrada como Empresa Hidroelétrica de Borborema e o pessoal escutava rádio com a energia da empresa. O proprietário, com os empregados, também cuidou de instalar linha de transmissão na região: eram postes de cimento e madeira. Não era tão altos como os de hoje, mais tinham postes de baixa e alta tensão. Ficou bastante conhecida na região do Brejo naqueles tempos. Quem saía de porta em porta cobrando a conta de luz eram dois eletricitistas da usina. A energia só chegava às casas das pessoas quando escurecia.

Na década de 40 do século passado sua usina de força já fornecia energia para as cidades de Borborema, Bananeiras, Solânea, Pilões de Dentro e Serraria. Também alimentava bicos de luz de escolas agro-técnicas da região e a várias propriedades rurais.

A usina de força de José Amâncio Ramalho deixou de gerar energia elétrica porque a Codebro, uma empresa que chegou à região e que utilizava energia elétrica da cachoeira de Paulo Afonso, entrou no mercado paraibano. Era a concessionária de energia elétrica daqueles tempos. Foi a partir daí que a Empresa Hidroelétrica de Borborema deixou de fornecer energia para as casas. Até hoje o visitante que visitar o açude vai se deparar com algumas ruínas da antiga usina de força.

ESTRUTURA

Boa Vista foi o primeiro nome do local onde hoje se ergue a cidade de Borborema. Essa exuberante e bonita re-



Borborema oferece várias atrações turísticas, como a rusticidade da velha estação ferroviária

gião começou a ser conhecida quando, a partir de 1912, o doutor José Amâncio Ramalho, vindo de Araruna, adquiriu aquelas terras e entendeu de desbravá-las. Homem ativo e de espírito progressista, de imediato construiu um grande açude, e logo tratou de fazer a primeira hidroelétrica da Paraíba na região.

A cidade de Borborema está localizada na zona do Brejo, na Serra da Borborema, na região Nordeste do Brasil. Conta com 5.009 habitantes de acordo com o Censo 2006. O rio que banha a cidade é o Rio Camucá, bastante volumoso em tempo de inverno. O município tem uma extensão territorial de 72km². A sua área mede 39 Km² e tem uma densidade demográfica de 112 hab /K. A temperatura é muito agradável duran-

te o período invernos e varia de 22°C a 30°C, resultado de um clima úmido e agradável.

A cidade de Borborema possui uma estrutura singular. Quer dizer, ela não possui ruas curvas, sinuosas ou logradouro edificado local improvisado. A sua construção foi muito bem planejada. A chegada do trem no ano de 1913, a construção da igreja de Nossa Senhora do Carmo, na década de vinte e a expansão de uma agricultura florescente, chamaram a atenção de novos moradores que ali acorreram.

O município tem como principais atrativos turísticos, entre outros, a Cachoeira do Roncador, O Túnel do Trem, trilhas ecológicas, Cachoeira Boa Vista, Ilha da Fantasia, Barragem Canafístula II, Barragem Humberto Lucena e dezenas de casarões históricos.

Agricultura, comércio e pecuária formam base econômica

As atividades econômicas do município de Borborema estão concentradas em três setores: agricultura, que é baseada no cultivo de várias espécies especificamente para a subsistência. As principais culturas, são o feijão, milho, mandioca, banana e algumas frutas e hortaliças. Uma pecuária voltada para a criação de bovinos, caprinos e aves para o abate e consumo local. Um comércio centrado na compra e venda de produtos e mercadorias para consumo. O município conta com pequenas casas comerciais como padarias, mercadinhos, lojinhas, farmácias, entre outros estabelecimentos, que atende a população local.

Com a continuada derrubada e queimada da mata úmida no município de Borborema, produzidas por cultura comer-

ciais que exigem grandes extensões de terra, como por exemplo, a cana-de-açúcar, presente nas décadas 40 a 70 e, mais recentemente, pela pecuária resultou na extrema degradação dessas florestas e a partir daí vem se transformando.

Esta paisagem da mata úmida vem dando lugar a capoeiras diversas, classificadas como capoeira herbácea (jurubeba, câmara, chumbinho e espinheiro) e capoeira arbustiva (mangueira, cajueiro e pitombeira), pastagem cultivada como capim elefante, sempre verde, brachiária e pastagem natural como capim de roça, amoroso, grama e principalmente a plantação de bananas (cultura permanente), muito comercializadas no município, como também culturas temporárias como a mandioca, feijão, milho e arroz.

Great Western, um dos principais pontos turísticos do município

Um dos pontos turísticos, a estação de Camucá, foi inaugurada em 1913 pela Great Western, como ponta de linha do ramal. Em 1922 o ramal foi prolongado até Manitu. Em 1932, a estação e a cidade já se chamavam Borborema. Em 1966, o trem deixou de passar pela estação. Borborema destacou-se por muito tempo na produção de rapadura, existentes nos engenhos do município e em todo o Brejo paraibano. A vinda dos trilhos em 1913 facilitou o maior escoamento deste e de outros produtos comuns na região. Na época da vinda dos trilhos até Borborema, ela era distrito de Bananeiras. A estação ferroviária de Borborema foi desativada em 1968 pela RFN, por ordem do governo federal. O prédio hoje serve como a sede da Secretaria de Educação do município de Borborema.

PIONEIROS

O empresário pioneiro no setor de energia elétrica, na Paraíba, José Amâncio Ramalho, irmão mais velho de Odilon, era uma figura notável. Sua magnífica casa que ele construiu na cidade de Borborema tem data de 1918 em relevo na fachada, estilo que lembra o neoclássico, mantida intocável pela viúva de segunda nupcias, Maria Livramento. Na sala de visitas, pode-se ver o quadro de formatura de José Amâncio, Faculdade de Direito do Recife, turma de 1908, no qual também se acha o conluente José Américo de Almeida, famoso escritor e político paraibano. A mobília da casa em madeira escura, o piso, as portas e as janelas, tudo em perfeito estado, lúdica memória de uma época que o tempo tende a apagar.

Para erguer a usina de energia elétrica, ele importou da França uma turbina geradora de energia. Decidido, sua palavra tinha quase sempre força de uma ordem. Contam-se ao resolver casar pela segunda vez, pois não suportava mais a condição de viúvo, mandou avisar ao Juiz de Bananeiras a sua intenção de contrair nupcias, naquele mesmo dia, com sua nova paixão, Maria do Livramento. O Juiz respondeu que não podia atender a seu pedido, pois haveria uma festa na cidade à qual tinha de comparecer. José Amâncio, então mandou dizer ao juiz que a luz de Bananeiras seria cortada e, assim, não haveria a tal festa. O meritíssimo não pensou duas vezes, foi rápido para Borborema e fez o casamento, para a felicidade de todos, principalmente dos alegres noivos. Então, tudo foi festa, naquela noite nas duas cidades do Brejo paraibano.

Confraria entre amigos e filhos integra projeto Caminhos do Frio

■ Sob agradável frio, evento ocorre sempre no dia nove de agosto em Serraria, que oferece ainda forró, cavalgada e shows de grupos folclóricos

Os encantos do Brejo da Paraíba não se resumem tão somente as suas belezas naturais e antigos patrimônios históricos. A confraria social também integra o calendário turístico da região. Assim pode-se definir o animado III Encontro de Filhos e Amigos da cidade de Serraria (distante 130 km da cidade de João Pessoa, região do Brejo paraibano), que acontece todo dia oito de agosto do ano. O agradável frio ajudou a bela acolhida entre os participantes e muitos dos quais relataram, na ocasião, diante de um microfone, suas experiências e trajetórias de vida.

O evento foi promovido pela Associação Cultural dos Filhos e Amigos de Serraria, entidade que foi criada em 2007 com o objetivo de congrega a população, inclusive aqueles que moram em outras cidades do Estado ou do país, em torno de projeto de desenvolvimento cultural, social e econômico do município.

A festa, que integrou a programação do projeto Caminhos do Frio, promovido pelo Governo do Estado, Sebrae-PB, prefeituras e iniciativa privada, começou às 13 horas com um almoço regado a sucos de frutas, degustação de cachaça, sobremesas e doces caseiros produzidos na região. No mesmo local do almoço, sob vários pavilhões de lona branca, houve apresentação de Lapinha, Boi de Rei e Forró Pé-de-Serra em palco armado no Centro da cidade.

À noite, a partir das 20 horas, os filhos



Público do Encontro de Filhos e Amigos em confraternização animada no Centro de Serraria

e amigos de Serraria participaram de seresta comandada pelo grupo musical do seresteiro Elpídio Ferreira e pelo Clube do Chorinho. Para Nemésio Cavalcanti, membro da diretoria da Associação Cultural dos Filhos e Amigos de Serraria - representação de João Pessoa/PB, "o encontro já ingressou no calendário turístico do município. Ele oferece várias atrações para os turistas por essa época do ano, como cavalgada, dentre muitos outros que interessam aos visitantes".

Um dos participantes do evento, o deputado estadual Ivaldo Medeiros de Moraes (PMDB) destacou, em requerimento apresentado na Assembleia Legislativa do Estado, a importância turística

do município de Serraria para o desenvolvimento econômico do Estado. E, também, da união da população em torno do projeto de desenvolvimento social e econômico da cidade e da região do Brejo paraibano como um todo.

ATRAÇÕES TURÍSTICAS

Oferecendo dezenas de atrações naturais, históricas, folclóricas e artesanais, a cidade de Serraria é famosa pela sua bela paisagem serrana e pelo seu clima agradável. Imensos vales verdejantes integram o cenário de velhos engenhos de cana-de-açúcar. A aristocracia rural foi marcante nas terras do município e dela saiu vários nomes ilustres, a exemplo dos



Ivaldo Medeiros de Moraes participou do evento

Duarte e dos Santos Lima.

O Engenho Baixa Verde faz parte dos pontos turísticos do município de Serraria. Ele guarda ainda consigo uma esplendorosa arquitetura em seu aspecto original, conservando capela, casa curada, casa grande e grandes gradis que guarnecem um pátio que servia, no passado, para a secagem do café, trabalho executado pela mão-de-obra escrava.

Quem for a Serraria, vale à pena uma visita ao Engenho Baixa Verde que fornece uma verdadeira viagem ao período senhorial da época. A propriedade pertence a família Spínola, a qual deve ser avisada com antecedência da visita.

Laranjeiras: pousada tem mais de 30 fontes de água

As marcas históricas do ciclo da cana-de-açúcar, uma bonita casa-grande em estilo art nouveau (única existente no Brejo paraibano), matas virgens e mais de 30 fontes de águas transparentes. Esses são alguns dos encantos oferecidos pela Pousada e Engenho Laranjeiras (cidade de Serraria, a 90 km da Capital), "um verdadeiro patrimônio histórico natural preservado", conforme garante o proprietário, Francisco Barreto.

"É uma pousada encravada nas serras da Borborema. Um lugar encantador para viver dias especiais e grandes descobertas", reforça Francisco Barreto, destacando: "Temos que reconhecer que a região do Brejo é um lugar avesso da Paraíba, com um clima de excelente qualidade, grandes relevos e muitas nascentes de águas".

A Pousada e Engenho Laranjeiras oferece 19 apartamentos, um engenho antigo, o Laranjeiras, que foi construído em 1906, e uma piscina de água natural. Francisco Barreto disse que adquiriu a propriedade em 1991 e, desde aquela data, vem estruturando-a de forma que



Pousada oferece trilhas, tirolesa, comida regional à lenha e a exuberância de mata virgem

ofereça "uma boa acolhida aos turistas nos seus 198 hectares".

Ele afirma que a maioria dos hóspedes da Pousada e Engenho Laranjeiras é proveniente do estado do Rio Grande do Norte, que também recebe turistas suecos, suíços e franceses. "Aqui temos um

clima extraordinário. A sensação térmica chega até a 10 graus", esclarece Francisco Barreto.

Para o empresário, "a região do Brejo paraibano ainda é sub-aproveitada. É uma região formada por minifúndios e que acolheu vários ciclos eco-

nômicos, como a cana-de-açúcar, do café e do sisal".

Segundo avalia Francisco Barreto, "o que está faltando para divulgar esse grande potencial turístico da região do Brejo da Paraíba, são campanhas arrojadas institucionais, tendo como suporte a publicidade e um bom trabalho de marketing".

Ele disse que a "Pousada e Engenho Laranjeiras foi a primeira pousada engenho do Brasil. É preciso que o povo paraibano reconheça que a região do Brejo dispõe de muita casa-grande de engenhos de cana-de-açúcar. Temos aqui o Engenho Baixa Verde, que é do século 19".

A mata virgem da Pousada e Engenho Laranjeiras, prossegue Francisco Barreto, é muito rica em termos de diversidade e conta com espécies como sucupira, pau d'arco e várias madeiras nobres.

O estabelecimento hoteleiro oferece aos visitantes aventuras em trilhas ecológicas, tirolesa, comida regional à lenha, locais para reuniões, cavalos, caiaques e um clima serrano.